

ABARÉ BEBÉ: O PADRE QUE FAZIA AVOAR, DE GIOVANI JOSÉ DA SILVA

ABARÉ BEBÉ: O PADRE QUE FAZIA AVOAR, BY GIOVANI JOSÉ DA SILVA

*Luciana Gonçalves Barboza*¹⁷⁵

Escola Superior de Artes Célia Helena

Resumo: A presente resenha percorre o livro *Abaré Bebé: o padre que fazia “avoar”*, de Giovani José da Silva, que investiga o teatro jesuítico de José de Anchieta, revelando suas nuances estéticas e pedagógicas. O estudo, dividido em ensaio, escaleta de cenas e dramaturgia, analisa documentos históricos e destaca o valor estético e cultural do teatro jesuítico, a despeito das críticas de expressão de dominação, consolidando sua relevância artística na história do teatro brasileiro.

Palavras-chave: teatro jesuítico, dramaturgia, padre José de Anchieta

Abstract: The present review goes through the book *Abaré Baré: the priest who made things “fly”*, from Giovani José da Silva, that investigates the jesuitical theater of José de Anchieta, revealing its aesthetics and pedagogical nuances. The study, divided into essay, scene-by-scene outline, and dramaturgy, analyzes historical documents and highlights the aesthetic and cultural value of the jesuitical theater, despite the critics of the expression of dominance, consolidating its artistic relevance in the history of the brazilian theater.

Key-words: jesuitical theater, dramaturgy, Priest José de Anchieta

Recebido em: 11/02/2024

Aceito em: 12/03/2024

¹⁷⁵ Mestra em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena, com pesquisa na linha de atuação Processos Pedagógicos em Artes da Cena. Artista orientadora e coordenadora do curso livre de teatro e artes integradas para crianças e jovens Casa do Teatro, uma vertente do Centro de Artes Célia Helena.

O livro *Abaré Bebé: o padre que fazia avoar* é o resultado da pesquisa de Mestrado Profissional em Artes da Cena de Giovani José da Silva. O autor tem ampla formação acadêmica, sobretudo nas áreas de História e Línguas aplicadas à Educação.

Além do irrefutável conhecimento erudito, Giovani José da Silva possui vasta vivência como docente e especial interesse pela pesquisa. Seu caráter inquieto o impeliu a buscar entender como o teatro jesuítico da missão contribuiu para a formação da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que espelhou o caráter violento dessa construção social na medida em que impusera o modo de vida europeu aos indígenas, subjugando os povos originários brasileiros e os forçando à “civilidade”.

Os historiadores do Teatro Brasileiro, comumente, reduzem as apresentações cênicas do período colonial a meros veículos de catequisar e ensinar os indígenas. Isso, porque, de fato, os textos com destinação cênica tinham um caráter pedagógico e colonizador, apresentando e ensinando conceitos e hábitos europeus enquanto entretinham.

Giovani José da Silva vai na contramão desse pensamento e defende as qualidades estéticas do teatro realizado pelos jesuítas nos primórdios do Brasil, apontando a habilidade no manuseio das ferramentas teatrais, por meio da análise dos raros registros documentais que sobreviveram ao tempo. O autor lança luz ao fato de que, para além dos objetos pedagógicos e de conversão. O teatro jesuítico era um acontecimento artístico e social e, portanto, deve ser considerado como arte, com todas as suas especificidades e abrangência da linguagem teatral de uma época.

O registro mais importante estudado pelo autor é o caderno *Opera Nostrorum Número 24*, que reúne fragmentos de textos com destinação cênica em aproximadamente 200 páginas manuscritas e atribuídas à José de Anchieta, que se encontra em Roma, na Itália. Ao deparar-se com o documento, G. José da Silva, pôde conhecer cerca de 90 textos do século XVI que demonstram a habilidade e conhecimento da linguagem teatral de Anchieta. Vale mencionar que a autoria atribuída a José de Anchieta de todos os 90 fragmentos é questionável, questão posta e discutida por Silva.

O livro *Abaré Bebê: o padre que fazia avoar* é dividido em três partes principais: ensaio, escaleta de cenas 1 a 8 da peça e peça (dramaturgia original), além do prefácio e apresentação.

No prefácio, o Professor Doutor Manoel Candeias, ator, dramaturgo, pesquisador e professor da Escola Superior de Artes Célia Helena discorre sobre o currículo de Giovani José da Silva para cancelar o texto dramaturgicamente e o memorial que compõem a pesquisa, explicitando a importância de revisar o teatro jesuítico e reconhecendo, nele, valor estético e histórico na perspectiva do nascedouro do teatro brasileiro.

Segue-se ao prefácio, uma breve apresentação escrita pelo autor do livro. Nela, Silva contextualiza sua pesquisa e prepara o leitor para compartilhar consigo uma visão mais abrangente e menos preconceituosa do teatro jesuítico da missão. Explicita que se trata de investigar as qualidades teatrais, a partir do estudo dos textos de destinação cênica atribuídos ao padre José de Anchieta compilados no documento *Opera Nostrorum Número 24*, com apoio de bibliografia especializada, como a obra *Tratados da terra e gente do Brasil*, de Paulo Cardim. Apresenta a criação de uma peça dramaturgicamente com a finalidade de recriar o clima no qual o auto *Na festa de São Lourenço* fora criado, ensaio e encenado, sob autoria de Anchieta.

A primeira parte do trabalho apresenta-se no formato de Ensaio científico, dividido em cinco capítulos: Introdução, Capítulo 1, Capítulo 2, Capítulo 3 e Considerações Finais. Na Introdução, o autor aprofunda-se nos temas abordados na apresentação, sobretudo no que se refere à importância de restituir as dimensões artísticas do teatro anchietano e a discussão sobre a autoria dos textos com destinação cênica e convoca o leitor a entender sua trajetória acadêmica prévia e os caminhos trilhados na pesquisa, incluindo metodologia e bibliografia.

O Capítulo 1, intitulado *Além da pedagogia e da religiosidade: arte no teatro jesuítico da missão*, dedica-se a destrinchar não só a função social, mas também artística do teatro jesuítico. Inicia confrontando autores que reduzem a teatralidade colocada à colônia pelos missionários jesuítas como meramente catequética e dogmática. Para refutar a ideia de pré-teatro, proto-teatro ou teatro menor, o autor revisita a bibliografia especializada e traz à baila evidências indicadas nos documentos da época e na análise de pesquisadores dedicados à História do Espetáculo Teatral no Brasil. A leitura do Capítulo 1 demonstra ao leitor que os padres da missão, ao perceberem o apreço dos

povos indígenas pela música e pela encenação, aproveitaram deste gosto para elaborar festividades e teatralidades capazes de prender a atenção dos indígenas, enquanto incutiam neles os valores do dominador. Para tal, era necessário manejar habilmente os elementos teatrais (visuais e sensoriais) como instrumentalização lúdica de aprendizagem, a fim de aproximar os indígenas (e colonos).

O Capítulo 2, intitulado *Autoria no teatro jesuítico da missão*, convoca o leitor a refletir sobre a atribuição da autoria única dos textos para ação dramática no caderno c. O autor defende que a compilação desses textos tinha o objetivo de contribuir para a canonização de Anchieta e alerta que, apesar da dúvida colocada sobre a autoria única, não se elimina a importância dos textos e nem se duvida que José de Anchieta, de fato, seja autor de diversos textos para destinação cênica. A discussão amplia-se para pensar a contribuição de outras vozes no fenômeno teatral da missão, inclusive dos indígenas, uma vez que se verifica, sobretudo o Tupi, nos textos e relatos das festividades e teatralidades da época.

Ainda no Capítulo 2, o autor defende que seria mais adequado pensar o teatro jesuítico a partir de uma autoria institucional, já que as peças respondiam às regras claras de funcionalidade estética e social empenhados na colonização e dominação do povo ibérico sobre o povo ameríndio.

No Capítulo 3: *Teatralidades no teatro jesuítico da missão*, Giovani José da Silva esmiúça os vestígios indicativos de encenação registrados nos documentos sobre o teatro da época da colonização. Neles é possível ler termos teatrais, assim como indicações de encenação, evidenciando preocupação não apenas com o texto, mas também com a realização teatral.

O autor apresenta diversos exemplos descritivos do fenômeno teatral jesuítico, mapeando a atenção dos criadores para os mais variados elementos: cenários, figurino, música, representação. Não nos sobra dúvidas sobre o caráter artístico que envolveu as encenações do teatro anchietano, ainda que tivesse finalidade moralizante, catequizante e de dominação.

O Capítulo *Considerações Finais*, retoma os objetivos iniciais do autor de desvendar e revelar a importância de conhecer e estudar as manifestações teatrais do período colonial, mais precisamente o teatro jesuítico das missões, com a perspectiva de

reconhecê-lo como marco histórico do teatro brasileiro e registro dos modos de vida da formação sociedade brasileira.

Giovani José da Silva, ao longo do Ensaio e por meio da análise dos textos atribuídos ao padre José de Anchieta em *Opera Nostrorum Número 24*, convoca o leitor a refletir criticamente acerca da memória (ou ausência de) do surgimento do povo brasileiro a partir das teatralidades, evidenciando o caráter abrangente das ações jesuíticas de dominação, sem desmerecer os elementos estéticos presentes na documentação preservada a respeito do teatro jesuítico da missão. A leitura fluída prepara o leitor e instiga sua curiosidade para a segunda e terceira partes do livro, conteúdos artísticos do trabalho.

Depois de um panorama histórico consistente (parte 1), o leitor de *Abaré Bebê: o padre que sabia avoar*, é convidado a conhecer a escaleta da peça (parte 2). Nela, o autor descreve, em linhas gerais, os acontecimentos de cada cena. Trata-se de um procedimento de criação bastante usual em dramaturgia.

No início da escaleta, Silva determina como se dará o uso das línguas presentes na peça (Português, Tupi antigo, Latim, Castelhana), os ambientes dos acontecimentos e indicações dos trajes de cada personagem ou grupo de personagens. Nota-se, aqui, o cuidado na condução da imaginação do leitor.

Na sequência, o autor descreve as cenas, uma a uma, com direções dos cenários, personagens da cena e dos acontecimentos, enriquecidas por indicações de clima, tensões e motivações das personagens.

Na cena 1, José de Anchieta e Manuel Couto debatem sobre o auto preparatório da festa de São Lourenço. O primeiro defende que o auto deveria ser escrito nas diversas línguas para se comunicar com os indígenas e não-indígenas, a fim de moralizar, catequisar e ensinar bons costumes; o segundo acredita que o auto deveria servir apenas aos interesses da classe dominante. Anchieta comunica a Couto que precisará de indígenas participarem do auto e, portanto, irá ter com o líder, ao que Couto desencoraja: é dia de festa e os indígenas estarão embriagados. A cena apresenta ao leitor a complexidade das ideias da Companhia de Jesus, representada no diálogo entre Anchieta e Couto, dando luz ao pensamento vigente na época em relação à população indígena.

A cena 2 descreve a conversa de José de Anchieta com Morubixaba, o líder indígena que afirma que nenhum de seus homens não atenderá a solicitação de vestir-se

de mulher para a representação. Após algum debate, fica acertado que 12 crianças e alguns homens indígenas se apresentarão no auto. Ao final da cena, a personagem Língua aparece pedindo ao padre que a leve de volta para a vila. Nesta cena, o autor revela alguns costumes do teatro da época como, por exemplo, a proibição das mulheres estarem em cena e o uso do teatro jesuítico como ferramenta moralizante.

Na cena 3, Anchieta e Couto voltam a conversar sobre o auto e as decisões tomadas a partir da visita do padre à aldeia. Outros hábitos e pensamentos da época aparecem na cena, amplificando a visão do leitor sobre o contexto colonial: necessidade de extinguir a cultura indígena, tráfico de interesses, entre outros.

A cena 4 descreve o primeiro ensaio do auto de São Lourenço. Nela, mais uma vez é apresentada a supervalorização das “coisas da igreja” em detrimento dos colonos e dos povos indígenas. Aqui, o autor anuncia a preocupação com a chuva que poderá acontecer no dia da encenação.

Na cena 5, acompanhamos mais um ensaio do auto e vemos o padre Anchieta se incomodar com o riso dos atores amadores ao verem um jesuíta vestido de mulher, bem como a sua direção para que os três diabos pareçam muito maus, já que não se deixam catequisar e vivem em pecado. Na cena, a Velha fazedora de cauim entra e é expulsa por Anchieta que acredita que a bebida é a responsável pela desgraça dos indígenas. Ainda nessa cena, o autor refere-se à preparação do espaço de encenação (o colégio).

É na cena 6 que o autor faz referência ao título da peça. Os atores amadores e Miguel do Couto discutem sobre a peça que estão ensaiando e comentam que Anchieta solicitou penas de arara canindé para produzir asas para a caracterização da personagem Anjo que irá voar em cena. O pedido do padre desencadeia uma discussão no “elenco” a respeito da capacidade de Anchieta fazer o Anjo “avolar” na peça, bem como se ele teria poderes para impedir a chuva durante a encenação.

Na cena 7, a tensão que antecede à representação aumenta: os indígenas se recusaram a coser a asa, os atores que representarão o Amor a Deus e o Temor a Deus encontram dificuldade em fazer as personagens alegóricas e a ator que representará o Anjo duvida que Anchieta o fará voar.

A cena 8, última cena da peça, reconstitui o que teria sido a apresentação do auto de São Lourenço: todas as gentes presentes, burburinho. O céu, nublado, preocupando a todos; ou melhor: quase todos, porque Anchieta afirma que só choverá depois do auto,

quando todos estiverem nas suas casas. A apresentação acontece e finaliza com o Anjo sobrevoando a plateia em forte emoção.

Para o final da peça *Abaré Bebé: o padre que fazia avoar*, o autor cria uma solução inesperada, amplificando o embate entre os jesuítas e os povos indígenas.

A terceira parte do livro, o texto dramático, traduz a escaleta em formato de diálogos e rubricas. Giovani José da Silva dá voz às personagens com habilidade de quem domina o tema e a trama. Com admirável fluidez, as línguas de cada personagem corroboram com a ação dramática para contar a história de como teria sido pensado, escrito, ensaiado e encenado o auto da festa de São Lourenço nos primórdios da sociedade e do fazer teatral no Brasil.

O livro *Abaré Bebé: o padre que fazia avoar* presenteia o leitor não apenas com uma aula de História do Teatro brasileiro, como com um texto dramático e seu processo de criação.

Referências

SILVA, Giovani José da. **Abaré Bebé - O Padre que fazia "avovar"**. São Paulo: Ed. Giostri, 2023.